

## A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas

Enio Starosky<sup>1</sup>

Jean Lauand<sup>2</sup>

**Resumo:** Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O objetivo deste artigo é abrir o diálogo entre esses tipos (aqui contemplando somente os fatores básicos da tipologia de Keirsey) e as preferências – individuais ou coletivas – nas religiões cristãs: em diversas dimensões nas quais a religião exerce sua influência – doutrina, cerimonial de culto, pregação, ética etc.

**Palavras Chave:** David Keirsey. tipos de temperamento. religião. preferências religiosas. pastoral.

**Abstract:** The psychological types of David Keirsey has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. This article has a simple purpose: starting a dialogue between those types (in this article considering only the fundamental factors of Keirsey) and religious preferences – both individual and social – in many Christian religious dimensions: doctrine, ceremonies, preaching, ethics etc.

**Keywords:** David Keirsey. temperament types. religion. religious preferences. pastoral psychology.

### 1. Introdução - As preferências E x I e práticas religiosas

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013, a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras: *Please Understand Me I e II*; Kersey (1984) e Keirsey (1988) – uma importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores: E/I; S/N; F/T; J/P.

Não é nosso objetivo aqui expor detalhadamente essa teoria, já bem desenvolvida em nosso meio acadêmico pelo recente livro de João Sérgio Lauand (2014) e seus artigos, bem como pelos estudos pioneiros de Maria de Lourdes Ramos da Silva, amplamente disponíveis na Internet.

O que sim pretendemos é lançar algumas bases para o relacionamento desses fatores de DK (deixando os tipos fundamentais e tipos mais completos para outra ocasião) com preferências religiosas (das religiões cristãs), tanto individuais como comunitárias, buscando estabelecer alguma conexão de sentido entre esses dois polos. Trata-se aqui ainda de trabalho incipiente e assistemático buscando provocar o diálogo com estudiosos, que nos ajudem com suas sugestões e discussões, na obtenção de dados e na identificação de instâncias significativas em que esse relacionamento ocorra.

Assim, de momento, trataremos de modo amplo de diversas instâncias das religiões (e das diferenças de estilo dentro de alguma determinada confissão ou família religiosa), buscando apenas abrir o leque em que se verificam essas relações. Um trabalho particularmente sugestivo para nós nesse sentido é o de Goldsmith (1997).

### 2. As preferências E x I e práticas religiosas

Como dizíamos, DK estabelece oposição entre 4 pares de fatores, a começar pelo par E/I, extroversão / introversão. Desnecessário dizer que o uso tipológico que

---

<sup>1</sup>. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa universidade. Principal autor dos tópicos 4 a 6.

<sup>2</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br. Principal autor dos tópicos 1 a 3.

faremos dessas preferências está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: não confundir o tipo com a realidade; admitir a mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não um tipo puro *S* ou *N*); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um não é “melhor” do que o outro) etc.

Sem entrarmos em detalhes técnicos da caracterização dessas preferências e resumindo ao máximo, o tipo *E* carrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o *I* (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “la gente”, com muitos e desconhecidos. Sendo *E* a preferência da imensa maioria das pessoas (cerca de 80%), os padrões sociais de convivência consolidam essa tendência, dificultando ainda mais as coisas para a minoria *I*, sobretudo no Brasil, de acentuada vigência (para usar o clássico conceito de Ortega y Gasset) *E*: cf. p. ex.: (LAUAND, Jean 2013) e (LAUAND, Jean 2004).

Descendo ao campo do concreto, evidentemente, uma prática religiosa como o tradicional retiro espiritual de alguns dias em silêncio – que evoca os 40 dias de Jesus no deserto – será bem considerada por um sujeito de preferência *I* e talvez insuportável para um de acentuada preferência *E*. Reciprocamente, o *I* terá grandes dificuldades em participar de encontros ou grupos de oração nos quais a proposta é a de abrir (no jargão religioso, “partilhar” ou “dar um testemunho”) – ou até escancarar – a intimidade espiritual para o grupo, escancarar emoções, abraçar pessoas que acabou de conhecer, falar em línguas etc.

Em um site de grupo católico de perfil ISTJ (na medida em que é cabível falar assim, com as licenças metodológicas deste artigo de exploração prévia e *data venia* da antecipação dos tipos completos) recolhem-se críticas à RCC (Renovação Carismática Católica) e seu acentuado perfil *E* e *F* (já antecipando o fator *F*):

Chego a pensar que para esses carismáticos a RCC detém uma missão quase revolucionária; destruir as estruturas “antiquadas” e “arqueológicas” da Igreja, criando uma nova cara “moderna” e “jovem”; o triunfo da bateria e da guitarra, a aposentadoria do missal e do órgão, o fim da mística e contemplação, o reino do oba-oba litúrgico. (<http://www.veritatis.com.br/conheca-mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-leitores>. Acesso em 17-3-16.)

As liberdades na liturgia. Eu (JL), como acentuadamente *I*, sempre sofri com um determinado exagero da *vigência E* brasileira (associada ao nosso, também transbordante, fator *F*) nas missas em que tinha que viver uma experiência de transbordamento ESFP tupiniquim.

O católico brasileiro, tipicamente ESFP (passe mais esta antecipação), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade” –, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”. *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de meio minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... Recentemente o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da

paz”: evitando o deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar”.



Se os antigos Padres do deserto buscavam a solidão (que até etimologicamente integra a vida monástica, do monge, *monachós*), muito cedo se impôs a condição de vida em comunidade para os monges e, ao longo da história, diversas ordens e congregações religiosas foram surgindo, com modos diversos de realizar a vida consagrada. Mas o silêncio (objeto do cap. 6 da regra de São Bento) sempre é um valor ligado à vida contemplativa.

Como na antiga piada italiana do E que se torna monge cartuxo.

O sujeito resolve largar tudo e ir para o mosteiro cartuxo.

Ao chegar, é advertido pelo superior: “– Aqui, a vida é dura e, principalmente, silêncio: você só poderá falar duas palavras a cada dez anos”.

“– É isto mesmo que eu quero!”

Passados dez anos, o superior bate à porta de sua cela: “– Dez anos, duas palavras”.

“– Cama... dura!”

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Passados mais dez anos, o superior bate novamente à porta de sua cela:

“– Dez anos, duas palavras”.

“– Comida... fria!”

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Outros dez anos...

“– Dez anos, duas palavras”.

“– Vou embora!”

“– É bom mesmo... Trinta anos que você está aqui e só sabe ficar reclamando, pô!”

### 3. As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de

uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Evidentemente, para as religiões – e para a vida em geral – são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

Para os F como para os T, como em muitos outros temas, há na Bíblia citações para todos os gostos, do Deus que é amor ao Senhor dos Exércitos. O Pastor Silas Malafaia, interpelado sobre homofobia – se os gays vão para o inferno etc., respondeu

à reporter com sua natural agressividade: “Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: A Bíblia que fala que Deus ama é a mesma Bíblia que diz que Deus vai botar o homem no inferno” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>).

Sempre de modo resumido, consideraremos a distinção *S/N*. *S* vem de *sensible*, o realista, pés no chão, para quem os fatos são fatos; enquanto a preferência *N* mais do que em fatos liga-se às possibilidades, metáforas e futuros que neles se contêm. Para o par *S/N* (e também para o *J/P*) na religião, apoiar-nos-emos em Goldsmith.

#### 4. A espiritualidade e sua complexidade

Antes de analisar o par *S/N* no contexto específico da teoria keirseana dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos “espiritualidade”. Embora presente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, o tema “espiritualidade” continua sendo um assunto complexo. Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade tem grande popularidade em círculos religiosos, sobretudo entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. É fato que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e, com razão, dizemos que quando falamos em espiritualidade, somos todos aprendizes.

Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmava que a espiritualidade é um “jeito humano de ser”, do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia. Experiências espirituais nos permitem permanecer no temor na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos na medida em que admiramos algo belo como a arte, a música, a flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados na medida em que experimentamos amor e perdão e sentimos afeição a nossa própria existência. Independentemente do que acreditamos, o modo como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os *S/N* partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre a fé e a vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tem algo que ver com a perda geral da confiança na secularização. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida. De um modo geral (passado o apego à filosofia da “morte” de Deus), as pessoas aceitam novamente uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas pessoas também não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

O psicoterapeuta suíço Carl Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso. Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem

com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de futuras análises acadêmicas mais abrangentes bem como intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estar satisfeitas com uma fé que exige que deixem o intelecto de lado e não questionem nada. Outras pessoas requerem *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidos por um apelo do coração do que por um apelo da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras acham isso nem um pouco relevante. Umas gostam de incenso enquanto outras podem ser repelidas por ele. Umas gostam de meditar por longas horas, talvez se utilizando de uma vela para manter a atenção, enquanto outras podem achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. São apenas diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a semeadura de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetuoso com seus amigos.

Fato é que a falta de compreensão de "por que funcionamos como funcionamos?", e "por que somos tão diferentes?", é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do auto-conhecimento tem destruído o

trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social, religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: “*Yo soy yo y mi circunstancia*”. Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja. Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o “lado” circunstância do eu).

## 5. As preferências: *S* x *N*

Analisemos agora estes diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirsejana nos tipos *S* e *N*.

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é *S* (*Sensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é *S* e apenas 25% ou 20% é *N* (*iNtuitions*). Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença muito maior de tipos psicológicos com preferência *N*. Então, se os *S* são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um “problema” bastante interessante. Se as igrejas atraem mais *N* do que *S*, isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência *S* vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo *N*. Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito)*. Ele citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são *N* e a minoria, *S*. Os símbolos religiosos dos *N* são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes *N* acham que os próprios *S* precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos *S*? São pessoas<sup>3</sup> que valorizam a informação advinda dos sentidos. Sua consciência de mundo e da dimensão espiritual da vida se origina desta visão. Para eles é importante ouvir música, falar, tocar e experimentar. Os *S* tendem a se preocupar com coisas específicas, com “o aqui e o agora”. “Não me fale de amor, mostre-me”! diz Eliza Doolittle em *My Fair Lady*. Então, no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do “já” (*jetzt*) – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: “Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples”. Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das

---

<sup>3</sup>. Sempre pressupondo no leitor as ressalvas e a consciência das limitações do procedimento tipológico, que aqui apresentamos em caso ideal, mas reconhecendo que, na realidade há casos mistos e nunca o tipo puro; que há exceções etc.

ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: “Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este”! Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado a seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se de corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirsejana dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais, o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*.

Com relação à leitura do texto bíblico também se pode fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção a detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns estudiosos dizem que – embora ele próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito – bastante conciso, específico e em ordem. O que é certo é que, de fato, a maioria dos *S* querem que as coisas sejam claras, descomplicadas e “fincadas” factualmente na realidade. Isso não sugere que não sejam capazes de lidar com a complexidade, nem sugere que sejam menos inteligentes. Longe disso. Apenas que, ainda que utilizem imaginação, a preferência é pelos *sentidos*; e que suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N* (*iNtuitives*). Como já afirmamos, pessoas cuja preferência é por *N*, tendem a ser orientadas para o futuro – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança. Procuram olhar para as possibilidades e viver em um mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperam por situações melhores. Essas preferências são formativas também na vida espiritual. Formam e moldam a sua abordagem para a adoração e a oração bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o “grande quadro da existência”. Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung*), uma mundividência, um quadro do mundo inteiro (*Weltbild*). Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do “ainda não” (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que, no futuro, manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a re-união das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam participar do universo. Têm visão transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, porque as palavras não conseguem lhe dar real significado.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura por “melhores” maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Estão sempre insatisfeitos com sua vida espiritual; o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos estão o tempo todo se perguntando como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da oração, muitas possibilidades lhe vem à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. O próprio Jung alertou para o risco que os *N* – especialmente os extrovertidos – precisam encarar quando escreveu que se trata de um tipo psicológico que gasta a vida toda em coisas e em pessoas, mas que ele mesmo, no fim, sai vazio.

Os *N* também são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração mais geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outras leituras que podem até suplantam a Escritura.

Outra importante distinção a ser feita nos tipos *N* é que podem ser *NT* ou *NF*. Os *NT* (*INTP*, *INTJ*, *ENTP* e *ENTJ*) estão inclinados a achar que a sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre a razão como base do pensamento e da reflexão. Os *NF* (*INFP*, *INFJ*, *ENFP* e *ENFJ*), porém, gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece com a espiritualidade deles. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calma e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis. Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco. Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode se tornar autoindulgente, inconstante ou simplesmente “difícil”! Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, conseqüentemente, achar que o seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano! Entretanto, é bem provável que essa característica seja mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos tendem a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias. Estão sempre procurando outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introvertidos, por

outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças “lá fora”; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introvertido pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

I danced in the morning when the world was begun  
And I danced in the moon and the stars and the sun.  
And I came down from heaven and I danced on the  
earth;  
At Bethlehem I had my birth.  
Dance then, wherever you may be;  
I am the Lord of the Dance, said he,  
And I'll lead you all, wherever you may be.  
And I'll lead you all in the dance, said he.  
They cut me down and I leap up high;  
I am the life that'll never, never die;  
I'll live in you if you'll live in me  
I am the Lord of the Dance, said he.  
Dance then ...  
(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Creemos em Deus,  
cujo amor é fonte de toda a vida  
e o desejo de nossas vidas.  
Cujo amor teve uma face humana  
em Jesus de Nazaré.  
Cujo amor foi crucificado pelo mal  
que se escraviza por todos nós  
e cujo amor, derrotando até a morte,  
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.  
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos amedrontados  
e cheios de dúvida,  
em Deus confiamos;  
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:  
a servir amorosamente aos outros,  
a procurar a justiça  
e a viver em paz,  
para cuidar da terra e compartilhar  
o bem comum da bondade de Deus,  
para viver na liberdade de Deus,  
no poder do espírito do amor,  
na companhia da fé  
e então sermos igreja.

Para a Glória de Deus. Amém.  
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N* um credo assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque que a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. E especialmente porque, talvez, de modo geral, muito do debate contemporâneo e das controvérsias teológicas, na verdade, não é propriamente sobre teologia, mas tem mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida; com o que, a princípio, é absolutamente insuspeito: os temperamentos. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4:35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente “vê” a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções amplas e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Imediatamente lembra que, no mundo antigo, com frequência, a água representava o caos, e então conclui que esta história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir as forças do caos. E é aí, pensa, que essa história ganha sentido e importância.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar de maneira bem diferente com o mesmo texto e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade da Escritura.

## 6. As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de improviso e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P* e *J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro; as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver

satisfatoriamente bem com uma considerável quantidade de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Os desdobramentos para a espiritualidade destas pessoas são muitos. Para este brevíssimo estudo basta inferir que as pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas “certinhas”; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais “definidas” na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Uma característica bem presente nas pessoas *J* é que quando encontram uma igreja apropriada, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do tipo *J* é ser mais suscetível a cair numa pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela, pois, já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirsejana dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão... Como bem sintetizou DK: “*Please, understand me*”!

### Referências bibliográficas

- Goldsmith, Malcolm *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.
- Keirse, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.
- Keirse, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984
- Lauand, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d’Humanitats**, n.28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-03-16.
- Lauand, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.
- Lauand, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

Recebido para publicação em 18-03-16; aceito em 20-04-16